

TRILHOS DOS AÇORES



CORVO



PRC2 COR Caldeirão

Dificuldade: Médio Extensão: 4,8 km Duração: 2:30h Forma: Circular

Há quem diga que o Corvo não é mais que um grande vulcão (*Monte Gordo*) cujo cimo abateu formando uma caldeira de dimensões consideráveis a que deram o nome de *Caldeirão*. Não se deixem enganar por essa visão redutora pois, mesmo ao nível das paisagens naturais, esta ilha tem mais para oferecer. Mas sem dúvida que este *Caldeirão*, frequentemente sombreado pelas nuvens que passam ou pelos nevoeiros que se instalam, tem um encanto especial e é o orgulho de todos os corvinos.

Esta ilha, construída no mar há cerca de 750 mil anos, foi inicialmente batizada de *Insula Corvi Marini*, que numa tradução aproximada seria algo como *Ilha dos corvos marinhos*, evoluindo depois para *Ilha do Corvo*. Uma possibilidade para a origem do nome foi terem os primeiros navegadores encontrado a planar sobre estas águas ou ilha alguma ave que confundiram com corvos-marinhos (*Phalacrocorax carbo*) cujos avistamentos são raros por estas paisagens. (...)



TRILHOS DOS AÇORES



CORVO

PR2 COR

Caldeirão

Dificuldade: Médio Extensão: 4,8 km Duração: 2:30h Forma: Circular



Início do trilho

39° 42' 24.49" N;
31° 5' 52.92" O



Geossítio



Ponto de interesse

Parque Natural do Corvo



Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies



PRC2 COR *Caldeirão*

Há quem diga que o Corvo não é mais que um grande vulcão (*Monte Gordo*) cujo cimo abateu formando uma caldeira de dimensões consideráveis a que deram o nome de *Caldeirão*. Não se deixem enganar por essa visão redutora pois, mesmo ao nível das paisagens naturais, esta ilha tem mais para oferecer. Mas sem dúvida que este *Caldeirão*, frequentemente sombreado pelas nuvens que passam ou pelos nevoeiros que se instalam, tem um encanto especial e é o orgulho de todos os corvinos.

Esta ilha, construída no mar há cerca de 750 mil anos, foi inicialmente batizada de *Insula Corvi Marini*, que numa tradução aproximada seria algo como *Ilha dos corvos marinhos*, evoluindo depois para *Ilha do Corvo*. Uma possibilidade para a origem do nome foi terem os primeiros navegadores encontrado a planar sobre estas águas ou ilha alguma ave que confundiram com corvos-marinhos (*Phalacrocorax carbo*) cujos avistamentos são raros por estas paragens.

À exceção do local onde se desenvolveu a *Vila do Corvo* toda a ilha é uma redonda cintura de arribas descomunais. Os agentes erosivos (vento, chuva e mar) foram lentamente quebrando a rocha e abrasando as es-



córias pouco resistentes dos flancos externos, progredindo acentuadamente no flanco ocidental, em direção ao interior do *Caldeirão*. Cerca de 6 km de estrada de asfalto ligam a vila ao miradouro onde começa este percurso. Os automóveis levam-no até aos 560 m de altitude na parte Leste da cumeeira desta cratera com cerca de 6,5 km de perímetro. A sul a cumeeira eleva-se até aos 718 m, altitude máxima da ilha.

Se a visibilidade for reduzida pode ter problemas de orientação, ape-

sar da abundante marcação com estacas que sinalizam o percurso. No entanto, mesmo com nevoeiro na estrada, a parte mais baixa da caldeira pode estar suficientemente clara para justificar o passeio e permitir uma aconchegante caminhada, com a sensação de estarmos fechados dentro de uma enorme taça.

A descida até às 2 lagoas que se encontram no fundo do *Caldeirão* faz-se por um atalho em ziguezague, por vezes um pouco estragado, enlameado e escorregadio devido à água que nele escorre e que mesmo no verão forma pequeninos riachos nalguns locais. Noutros tempos este acesso era alvo de uma manutenção mais cuidada, de forma a servir as muitas pessoas que levavam e traziam animais para o interior do *Caldeirão*, não só vacas como também ovelhas e porcos.

No *Caldeirão* vai encontrar muitas pastagens permanentes, mas também habitats naturais importantes como *turfeiras*, *charnecas macaronésicas* e *lagoas*. Aqui em baixo o assobio do vento faz-se sentir de forma menos intensa, permitindo o voo da *Hipparchia azorina*, uma borboleta endémica de cor acastanhada e manchas pretas, que aparece a voar em pleno verão na companhia das aves. No entanto, é no outono que se regista uma afluência de *birdwatchers* com intentos de fotografar as aves migratórias que aqui vem retemperar as forças com descanso e alimento, ou mesmo nidificar, após as agruras das turbulentas viagens sobre o Atlântico Norte. É possível ouvir e observar a *Gallinago gallinago* que é aqui frequente, o *Sterna hirundo* ou o *Anas platyrhynchos*, além de muitas outras *raridades*. Entre estas, pela importância histórica nesta ilha, destacamos os *Puffinus puffinus* que eram caçados pela sua carne, penas e "*graxa*" usada em lamparinas para iluminação dos lares. Atualmente esta espécie do Atlântico Norte, com apenas cerca de 200 casais, nidifica exclusivamente nas Flores e Corvo, o seu limite sul no planeta. O *Caldeirão* é *Sítio RAMSAR* desde 2008 e *Área Protegida para a Gestão de Habitats ou Espécies da Costa e Caldeirão do Corvo*.



CALDEIRÃO

É considerado um verdadeiro paraíso para os observadores de aves, que chegam com maior afluência à ilha nos meses de outubro e novembro. Após o verão é possível apreciar mais de perto as diversas aves migratórias que, em trânsito sobre o Atlântico, insistem em fazer escala neste oásis, onde retemperam as forças e garantem alimento e/ou conseguem procriar.

Curioso e único nos Açores era também o moinho entre as duas lagoas. Ao passar pelas suas ruínas poderá entender o seu curioso funcionamento, que tinha como força motriz a água que, por gravidade e devido à construção de uma represa, passava lentamente da lagoa de cota mais alta para a outra. No entanto, moer aqui era uma solução de recurso pelo trabalho que implicava levar o cereal até lá e pelo tempo que levava a moer uma saca do mesmo.

PRC2 COR *Caldeirão*

Em baixo tome a decisão de circundar as lagoas pelo lado que melhor lhe aprouver, pois irá acabar regressando a este mesmo lugar para poder sair do *Caldeirão*. Recomenda-se, no entanto, que siga no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, mantendo as lagoas sempre à sua esquerda.

Este vulcão extinto, com vertentes a pique, mantém 2 lagoas que medram com a água direta das chuvas ou com aquela que escorre pelas encostas, alimentadas por sua vez pelos tapetes de *Sphagnum sp.* que revestem as partes altas. Estes espelhos de água refletem todas as cores e orografias desta cratera salpicada de pequenos cones de erupções tardias. Todos estes contornos mudam do verão para o inverno à medida que as chuvadas enchem as lagoas. Os muros em pedra chamados de *abrigadas*, predominantemente em "L", protegiam as ovelhas dos ventos vindos de qualquer quadrante. Outros, na encosta ocidental, compartimentam geometricamente os terrenos, parte deles de proprietários particulares e outra parte, baldio municipal. São indícios que mostram que nestas terras sempre houve forte atividade humana.

Aqui e nos restantes baldios da ilha havia também muita criação de gado ovino, lançado antes mesmo do início do povoamento. A atividade da pastorícia exemplificava na perfeição a vida comunitária que os corvinos mantinham. Num único dia no ano, na segunda-feira imediatamente a seguir ao domingo de Pentecostes, procedia-se à tosquia de todas as ovelhas da ilha... era o chamado "*dia do fio*" ou "*dia da lã*". Na década 1960 houve uma tentativa de estabelecer um novo regime de exploração dos baldios da ilha, que encontrou forte oposição por parte da população, e que fez chegar mais cedo o fim da ovinocultura, da produção da lã e das atividades tradicionais (económicas e sociais) relacionadas, identitárias da cultura corvina. Hoje praticamente não há ovelhas. Também aqui se criavam porcos, para os quais foram escavadas pequenas grutas dentro do *Caldeirão* para sua proteção e, imagine-se, até se cultivavam batatas no interior desta caldeira. Já nada disso se vê. Só algumas dezenas de vacas multicoloridas que pastam no interior, quebrando ocasionalmente o silêncio com o seu mugir acompanhado pelo canto das aves.

Em redor das lagoas não são as botas dos pedestrianistas a marcar o trilho, mas os cascos das vacas, que tornam o piso frequentemente enlameado e irregular. Continue tranquilamente a sua caminhada. As lagoas possuem peixes, alguns com cerca de 30 cm de comprimento, embora não seja fácil ter a perceção desse facto. Também no fundo dessas águas existem locais onde um raro feto aquático, endémico dos Açores, o *Isoetes azorica*, cria vastos e densos tapetes, a mais de 2 m de profundidade. Também raros são os indivíduos de *Euphorbia stygiana*, uma espécie arborescente também endémica da região, que surge na pequenita ilhota que vai observar no meio da segunda lagoa.

Quando contornar a segunda lagoa vai encontrar uma pequena mata de criptoméria, a única em toda a caldeira, e algumas zonas pantanosas, pelo que se recomenda atenção redobrada onde coloca os pés. Continue até encontrar o acesso que o levou ao interior do *Caldeirão* e faça-o no sentido inverso, até chegar ao ponto de onde partiu.